
Disponibilização de Dados de Pesquisa em Acesso Aberto: percepções de uma amostra de pós-graduandos brasileiros

Making Research Data Available in Open Access: perceptions of a sample of Brazilian postgraduate student

**Nivaldo Calixto Ribeiro (1), Eduardo César Borges (2),
Fabrício Oliveira Fernandes (3)**

(1) Universidade Federal de Lavras, Brasil, zoopas@gmail.com

(2) eduardoborges@ufla.br

(3) Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil, fabriciof9@gmail.com



Resumo

Este artigo tem como objetivo geral analisar a percepção de pós-graduandos, mestres e doutores sobre a disponibilização de dados de pesquisa em acesso aberto. Os objetivos específicos são: (1) Identificar o nível de conhecimento de pesquisadores sobre dados abertos de pesquisa; (2) Analisar as percepções sobre benefícios e barreiras ao compartilhamento de dados em acesso aberto; (3) Verificar a adoção de práticas de gestão de dados e o conhecimento sobre repositórios de dados e; (4) Avaliar a disposição dos pesquisadores para disponibilizar seus dados de pesquisa em acesso aberto. Foi conduzida uma pesquisa exploratória-descritiva, utilizando amostragem intencional por meio do método "bola de neve". Esse método permite alcançar uma rede de participantes interconectados, ampliando o alcance da amostragem. O instrumento de coleta de dados foi um questionário estruturado, desenvolvido na plataforma Google Forms, com questões fechadas no formato de escala do tipo Likert. Identificou-se que a maioria dos pesquisadores está familiarizada com o conceito de dados abertos de pesquisa, citado na Taxonomia da Ciência Aberta, indicando uma crescente conscientização sobre a importância da transparência e acessibilidade dos dados científicos. Além disso, há um interesse significativo em disponibilizar os dados em acesso aberto, visto como uma prática que pode fortalecer o avanço do conhecimento e a integridade acadêmica. No entanto, desafios como a proteção de dados sensíveis, questões de propriedade intelectual e a falta de infraestrutura para gestão e compartilhamento de dados foram identificados, ressaltando a necessidade de políticas institucionais e suporte técnico para uma adoção segura e eficaz de práticas de dados abertos. Concluiu-se que as percepções dos pesquisadores refletem tanto as oportunidades quanto os desafios na implementação do acesso aberto, contribuindo para um entendimento mais profundo dessa questão no contexto da ciência.

Palavras-chaves: Dados abertos de pesquisa; Acesso aberto; Alfabetização em dados; Comunicação científica; Transparência na pesquisa

Abstract

The general objective of this article is to analyze the perceptions of graduate students, masters, and doctors regarding the availability of open access research data. The specific objectives are: (1) To identify the level of knowledge of researchers about open research data; (2) To analyze perceptions about the benefits and barriers to open access data sharing; (3) To verify the adoption of data management practices and knowledge about data repositories; and (4) To assess researchers' willingness to make their research data available in open access. An exploratory-descriptive study was conducted using intentional sampling through the “snowball” method. This method allows reaching a network of interconnected participants, expanding the scope of the sampling. The data collection instrument was a structured questionnaire, developed on the Google Forms platform, with closed questions in a Likert scale format. It was found that most researchers are familiar with the concept of open research data, cited in the Open Science Taxonomy, indicating a growing awareness of the importance of transparency and accessibility of scientific data. In addition, there is significant interest in making data available in open access, seen as a practice that can strengthen the advancement of knowledge and academic integrity. However, challenges such as the protection of sensitive data, intellectual property issues, and the lack of infrastructure for data management and sharing were identified, highlighting the need for institutional policies and technical support for the safe and effective adoption of open data practices. It was concluded that researchers' perceptions reflect both the opportunities and challenges in implementing open access, contributing to a deeper understanding of this issue in the context of science.

Keywords: Open research data; Open access; Data literacy; Scientific communication; Research transparency

1 Introdução

Com o avanço das discussões sobre formas de tornar a pesquisa científica mais transparente, observa-se um crescente interesse e aumento nas publicações sobre dados abertos de pesquisa. Pesquisadores como Suber (2012), Neylon e Wu (2009), entre outros têm se dedicado a essa temática, buscando conceituar, propor soluções, polemizar e debater esse assunto, de interesse para o progresso da ciência.

Nesse contexto, o Relatório da Organization for Economic Cooperation and Development - OECD (2007), define dados de pesquisa como registros factuais usados como fonte primária para a pesquisa científica e que são comumente aceitos pelos pesquisadores como necessários para validar os resultados do trabalho científico. Esses dados podem ser classificados de acordo com sua natureza ou origem em observacionais, computacionais e experimentais, evidenciando a diversidade de dados gerados nas investigações científicas.

A crescente importância dos dados abertos de pesquisa se reflete em sua capacidade de promover a transferência de informações e assegurar a transparência nos resultados científicos. Uma característica marcante desses dados é sua natureza heterogênea, dado que as diversas áreas do conhecimento produzem e coletam dados variados em suas investigações (Monteiro and Lucas 2019). Como afirma Silva (2020), os dados de pesquisa incluem fatos, medidas, gravações, registros ou observações sobre o mundo, coletados com um mínimo de interpretação contextual, podendo estar em qualquer formato ou meio.

Além de serem componentes centrais do processo de investigação, os dados de pesquisa sustentam os resultados publicados em dissertações, teses, artigos, patentes e outros trabalhos científicos (Dudziak 2016). Sayão e Sales (2015; 2020) ampliam essa compreensão ao classificar os dados de pesquisa em várias categorias, como dados brutos, derivados e referenciais, abrangendo uma vasta gama de formatos e tipos.

À medida que os dados de pesquisa se tornam vitais, crescendo em escala e complexidade, surge uma demanda crescente por transparência e acesso a esses dados, intensificando o debate sobre o tema (Silva 2017). Boulton et al. (2015) observam que tanto a comunidade científica quanto organismos intergovernamentais, como o G8, OCDE e ONU, têm clamado por acesso aberto a dados científicos financiados com recursos públicos, especialmente aqueles relevantes para desafios globais.

Esse cenário reforça a necessidade de ferramentas e metodologias eficazes para coletar e organizar esses dados, que são essenciais para a comunicação científica. O conceito de dados científicos abrange não apenas os materiais e amostras coletados, mas também os resumos e análises gerados durante as pesquisas (Silva 2017). Toda informação, seja digital ou não, pode ser considerada um dado científico, desde dados experimentais até dados processados.

Os dados abertos de pesquisa, reconhecidos como um componente central da Ciência Aberta, são destacados na taxonomia proposta por Pontika et al. (2015) e Silveira et al. (2021; 2023). Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar a percepção de pesquisadores, incluindo pós-graduandos, mestres e doutores, sobre a disponibilização de seus dados de pesquisa em acesso aberto. Os objetivos específicos são: 1. Identificar o nível de conhecimento de

pesquisadores sobre dados abertos de pesquisa; 2. Analisar as percepções sobre benefícios e barreiras ao compartilhamento de dados em acesso aberto, 3. Verificar a adoção de práticas de gestão de dados e o conhecimento sobre repositórios de dados e; 4. Avaliar a disposição dos pesquisadores para disponibilizar seus dados de pesquisa em acesso aberto. Já a questão central que orienta este estudo é: quais são as principais barreiras percebidas por pesquisadores para o compartilhamento de dados de pesquisa em acesso aberto?

Esse estudo se justifica por entender as percepções dos pesquisadores sobre a disponibilização de dados em acesso aberto, orientando o desenvolvimento de ações de capacitação nos programas de pós-graduação, preparando os cientistas para adotar práticas de dados abertos e Ciência Aberta desde o início de suas carreiras. Ao incorporar treinamentos específicos e promover uma cultura de transparência e colaboração, é possível melhorar a qualidade das pesquisas e fortalecer o impacto científico, criando um ecossistema de pesquisa mais integrado e sustentável. Para fins deste estudo, consideram-se pesquisadores os indivíduos envolvidos diretamente em atividades de pesquisa científica, em nível de pós-graduação (mestrandos e doutorandos), mestres e doutores, em diferentes estágios de sua trajetória acadêmica.

Faz-se necessário esclarecer que os dados oriundos desta pesquisa estão disponibilizados em acesso aberto, em consonância com os princípios da Ciência Aberta, com o objetivo de promover a transparência, a reprodutibilidade e o reuso responsável das informações. O conjunto de dados foi depositado no repositório Zenodo, uma plataforma internacional de acesso aberto mantida pela comunidade científica, que assegura preservação digital, atribuição de identificador persistente (DOI) e ampla visibilidade. Os dados podem ser livremente consultados, acessados e reutilizados, respeitados os termos de uso e a devida atribuição de autoria, por meio do seguinte link: <https://zenodo.org/records/18777977>.

2 Fundamentação teórica

A abertura de dados de pesquisa constitui um dos pilares centrais da Ciência Aberta, movimento que busca ampliar a transparência, a reprodutibilidade e a democratização do conhecimento científico. Segundo Borgman (2015), dados não são entidades puramente técnicas,

mas construções sociais que dependem do contexto em que são gerados, interpretados e reutilizados. Esse entendimento desloca o foco de uma visão tecnocrática para uma abordagem sociotécnica, em que a cultura científica, os padrões disciplinares e as infraestruturas de informação desempenham papéis essenciais na definição do que são dados e de como devem ser compartilhados.

Estudos realizados no Brasil, como os de Caregnato et al. (2019) e Gabriel Júnior et al. (2019), apontam que, embora haja uma receptividade crescente entre os pesquisadores quanto ao acesso aberto a dados de pesquisa, persistem desafios significativos relacionados à infraestrutura institucional, à capacitação dos profissionais e à clareza sobre direitos autorais e formatos apropriados para a disseminação dos dados. A falta de políticas institucionais e de incentivos específicos ainda representa um obstáculo relevante nas universidades e centros de pesquisa brasileiros.

Além disso, a pesquisa de Veiga (2018) revela que os fatores que influenciam o comportamento dos pesquisadores frente ao compartilhamento de dados incluem preocupações com a perda de oportunidade de publicação, desconhecimento dos repositórios existentes e incertezas quanto à segurança e à reusabilidade dos dados. Por outro lado, motivações como visibilidade científica, altruísmo e cumprimento de exigências institucionais também aparecem como impulsionadores importantes.

As diretrizes internacionais, como as Guidelines for a Data Management Plan da Unesco (2016), reforçam a importância de planejamento adequado para o ciclo de vida dos dados de pesquisa, desde sua coleta e documentação até o arquivamento e disseminação. A elaboração de planos de gestão de dados é uma prática recomendada por agências de fomento, pois favorece a preservação, o acesso e o reuso dos dados a longo prazo.

Do ponto de vista das políticas editoriais, estudo recente de Dias (2024) sobre periódicos da coleção SciELO demonstra que, embora haja um avanço nas diretrizes de compartilhamento de dados nas ciências sociais aplicadas, muitas revistas ainda mantêm políticas facultativas, incompletas ou silenciosas quanto ao tipo e formato dos dados aceitos. Esse cenário reforça a

necessidade de alinhamento entre editores, autores e instituições quanto às boas práticas de gestão e abertura de dados.

A análise das percepções dos próprios pesquisadores, como apresentado por Rodrigues et al. (2019) e Ribeiro et al. (2022), evidencia um consenso sobre a importância da Ciência Aberta, embora demonstre também a necessidade de maior esclarecimento sobre sua operacionalização. Os pesquisadores reconhecem o valor do acesso aberto tanto para aumentar o impacto de suas pesquisas quanto para promover a transparência e a colaboração científica, mas identificam lacunas na formação e nas políticas institucionais que dificultam sua adoção plena.

Por fim, os estudos analisados sugerem que a articulação entre governo, universidades e comunidade científica devem ser fortalecidas. Como argumenta Borgman (2015), dados são objetos complexos cuja gestão exige não apenas infraestrutura técnica, mas também práticas colaborativas, políticas e uma mudança cultural que valorize o compartilhamento responsável e ético dos dados de pesquisa.

Como evidências empírica, observa-se que estudos anteriores têm analisado as percepções e práticas de pesquisadores em relação ao compartilhamento de dados (Tenopir et al. 2011; Thøgersen and Borlund 2022), bem como as atitudes frente às infraestruturas e políticas de apoio (Rosenbloom 2025). No contexto brasileiro, podemos citar pesquisas como a de Rodrigues et al. (2019) que destacam a aceitação crescente de práticas associadas à ciência aberta, embora persistam barreiras institucionais e conceituais. Além disso, investigações sobre ciência aberta em países latino-americanos têm contribuído para compreender fatores contextuais que influenciam o conhecimento e a adoção dessas práticas (Pardo-Martínez and Poveda 2018).

3 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa exploratória-descritiva foi realizada para investigar as percepções de pesquisadores sobre a disponibilização de dados de pesquisa em acesso aberto. A amostragem intencional foi utilizada por meio do método "bola de neve", uma estratégia para alcançar participantes em redes interconectadas, especialmente em contextos onde o tema é emergente ou

os participantes são difíceis de identificar. O método "bola de neve" começou com um grupo inicial de pesquisadores, próximos aos autores do estudo, que atenderam aos critérios da pesquisa e, subsequentemente, indicaram outros participantes, ampliando a amostra de forma progressiva.

Importante destacar que, apesar de sua utilidade para alcançar participantes em contextos específicos ou de difícil acesso, o método de amostragem "bola de neve" apresenta limitações consideráveis. Por se basear em indicações entre pessoas próximas, esse método tende a gerar uma amostra com características homogêneas, o que pode comprometer a diversidade dos respondentes em termos de área de atuação, experiência, instituição, gênero e faixa etária. Essa limitação dificulta a generalização dos resultados para a população mais ampla de pesquisadores brasileiros, devendo os achados ser interpretados como indicativos de tendências dentro de um grupo específico e não como representativos do cenário nacional.

O instrumento de coleta de dados, com número total de 41 respondentes, consistiu em um questionário estruturado, desenvolvido na plataforma Google Forms (esboço apresentado em apêndice). A escolha dessa ferramenta deveu-se à sua acessibilidade e facilidade de uso, possibilitando a distribuição eletrônica do questionário e a coleta sistemática das respostas de forma ágil e organizada. O questionário foi divulgado por meio de mídias sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e correio eletrônico, estratégia que favoreceu o alcance de um público diversificado de pesquisadores. A coleta de dados ocorreu nos meses de abril e maio de 2024.

As questões de número 7 a 20 do questionário foram elaboradas com base em uma escala do tipo Likert de cinco pontos, empregada em pesquisas de natureza social e comportamental para mensurar atitudes, percepções e níveis de concordância dos respondentes em relação às assertivas apresentadas. A escala adotada compreendeu as seguintes categorias ordinais:

1. Discordo totalmente: o respondente manifesta rejeição completa à assertiva apresentada;
2. Discordo parcialmente: o respondente tende à discordância, embora reconheça algum grau de concordância limitada;

3. Nem discordo nem concordo: posição neutra, indicando indecisão, desconhecimento ou ambivalência em relação à afirmação;
4. Concordo parcialmente: o respondente demonstra concordância com a assertiva, ainda que com alguma ressalva;
5. Concordo totalmente: o respondente expressa concordância plena com o conteúdo da assertiva.

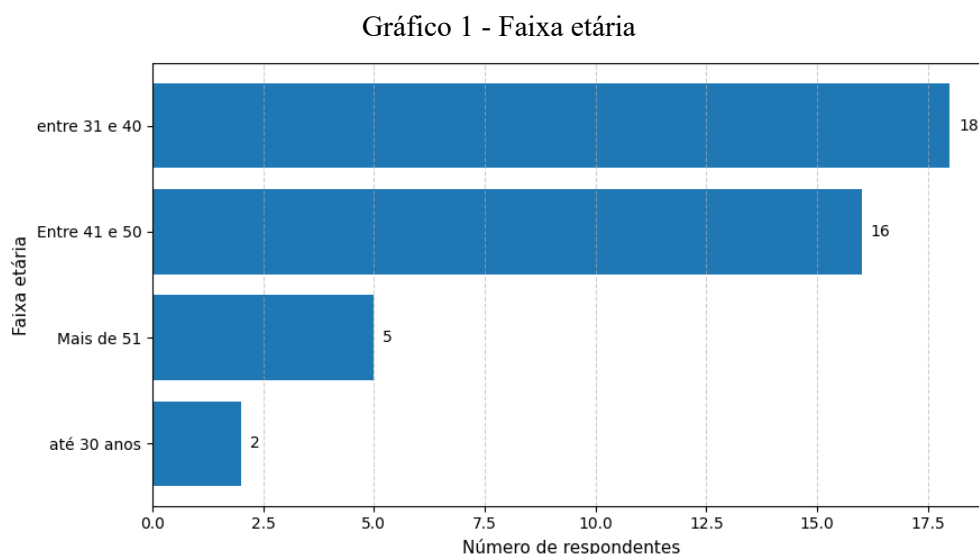
Os valores atribuídos à escala Likert seguem uma ordem crescente de concordância, o que possibilitou a análise quantitativa das respostas por meio de estatística descritiva e exploratória. Embora os dados sejam de natureza ordinal, foram utilizados para identificar tendências gerais, padrões de percepção e níveis relativos de concordância entre os participantes, sem pretensão de inferência estatística ou de generalização dos resultados. A escala mostrou-se, assim, adequada ao caráter exploratório-descritivo da pesquisa. O questionário, composto por 14 questões, investigou o nível de familiaridade, as percepções, as intenções de compartilhamento, as dificuldades percebidas e o perfil dos respondentes. Em razão da amostragem intencional do tipo bola-de-neve, não foram realizadas validação estatística da amostra, inclusão de testes inferenciais nem apresentação de margem de erro, devendo os resultados ser interpretados como indicativos de tendências e percepções de um grupo específico, úteis para orientar estudos futuros com desenhos metodológicos complementares.

Por fim, entende-se que, de acordo com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Brasil 2016), não é obrigatória a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de estudos que não envolvam intervenção direta sobre os participantes e que utilizem apenas dados de opinião, percepção ou conhecimento de forma anônima, sem identificação dos respondentes. Considerando que esta pesquisa se baseou na coleta de percepções voluntárias por meio de questionário eletrônico anônimo, sem coleta de dados sensíveis, optou-se pela dispensa de submissão ao sistema CEP/CONEP.

4 Resultados

Os resultados apresentados a seguir devem ser interpretados como tendências descritivas, à luz do caráter exploratório da pesquisa e da natureza ordinal da escala Likert utilizada. Tais resultados contribuem para uma compreensão inicial do fenômeno, oferecendo subsídios para o refinamento de hipóteses e para o desenvolvimento de investigações futuras com delineamentos metodológicos mais abrangentes e amostragens probabilísticas.

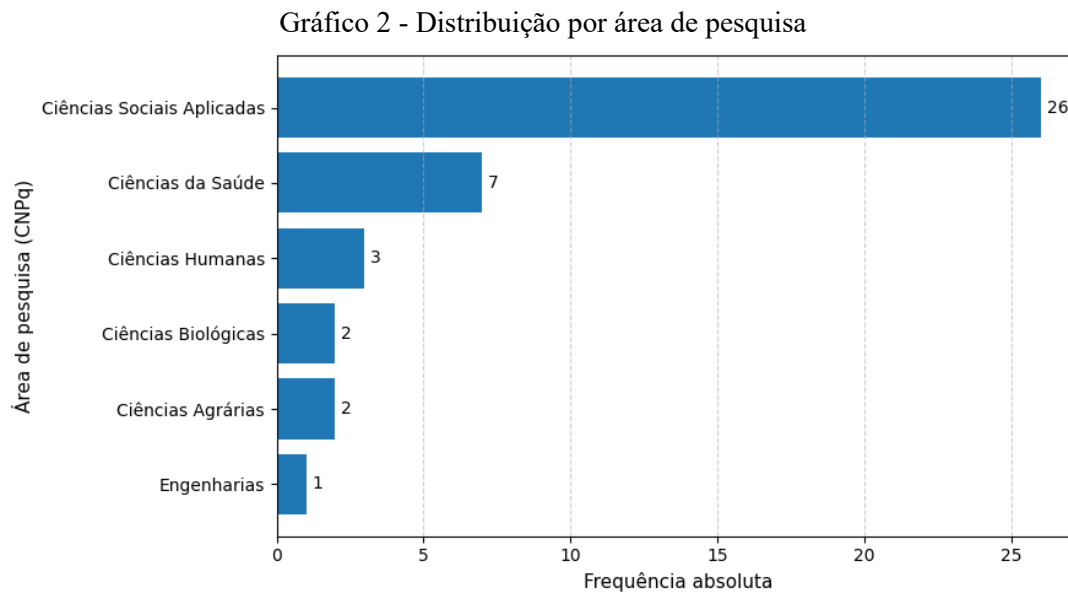
O perfil dos respondentes desta pesquisa demonstra uma predominância de participantes do gênero feminino, com a maioria de todos os respondentes na faixa etária de 41 a 50 anos, seguida por uma considerável representação de indivíduos entre 31 e 40 anos, Gráfico 1. Esse perfil indica que os respondentes se concentram majoritariamente em fases intermediárias e avançadas da carreira acadêmica, característica relevante para a interpretação das percepções analisadas. Em termos de formação, a maior parte dos participantes possui mestrado. Destarte, foram obtidas 41 respostas para o questionário.



Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito à área de conhecimento na pesquisa, "Ciências Sociais Aplicadas" e "Ciências da Saúde" são as mais representadas no Gráfico 2, o que pode indicar que o tema dos dados abertos é particularmente relevante para essas disciplinas. Nas ciências sociais, onde

frequentemente se lida com dados sensíveis e confidenciais, os pesquisadores podem ter uma percepção mais crítica sobre os riscos do compartilhamento de dados. Já nas ciências da saúde, o compartilhamento é fundamental para o avanço do conhecimento médico, embora envolvam questões éticas e de privacidade complexas.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados demonstram que as principais instituições de vínculo dos participantes da pesquisa foram a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com 15 respondentes, seguida pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), com 8 respondentes, e pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com 7 respondentes. Outras instituições com participação significativa incluem a Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 5 respondentes, e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com 4 respondentes. Essa predominância de universidades federais, principalmente nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, indica um forte engajamento com temas relacionados à ciência aberta e ao compartilhamento de dados de pesquisa, refletindo possivelmente políticas institucionais ou iniciativas que incentivam essas práticas.

No que se refere ao conhecimento sobre "dados abertos de pesquisa", a maioria dos respondentes demonstra um alto grau de familiaridade, com 20 pessoas afirmando conhecer muito

sobre o tema e 13 indicando um bom nível de conhecimento. Apenas 3 participantes relataram saber pouco ou quase nada sobre o assunto. Embora esse resultado sugira uma ampla compreensão conceitual dos dados abertos como informações passíveis de compartilhamento para fomentar o avanço científico, é necessário problematizar esse cenário. Os estudos de Tenopir et al. (2011) indicam que a autopercepção de conhecimento nem sempre corresponde à adoção efetiva de práticas estruturadas de compartilhamento e gestão de dados.

O domínio conceitual sobre dados abertos e Ciência Aberta frequentemente antecede e não garante a implementação de ações concretas, devido a limitações institucionais, ausência de políticas transparentes, insegurança jurídica e fragilidades infraestruturais (Caregnato et al. 2019; Lima 2020). Resultados semelhantes são observados em estudos sobre instituições públicas, nos quais a aceitação discursiva da Ciência Aberta convive com práticas ainda incipientes e desiguais entre áreas do conhecimento e perfis de pesquisadores (Rodrigues et al. 2019; Ribeiro et al. 2022). Dessa forma, o elevado nível de familiaridade identificado neste estudo deve ser interpretado com cautela, uma vez que pode refletir mais um alinhamento normativo e discursivo às agendas contemporâneas da Ciência Aberta do que, necessariamente, a incorporação consistente de práticas de compartilhamento de dados no cotidiano da pesquisa científica.

Quando questionados sobre a existência de um "Plano de Gestão de Dados" para suas pesquisas, as respostas variaram, refletindo diferentes níveis de organização e preparo. Enquanto 11 pessoas se consideraram moderadamente organizadas por meio de um plano, outras 11 admitiram não ter nenhum plano, demonstrando desconhecimento ou falta de preparo para preservar seus dados de pesquisa. Apenas 8 pessoas relataram estar muito bem documentadas, e as demais indicaram níveis variados de preocupação e incerteza em relação ao plano, sugerindo que ainda têm dúvidas sobre como gerenciar adequadamente seus dados de pesquisa.

Esses resultados reforçam situações recorrentes na literatura, que apontam a gestão de dados e, em particular, a formalização por meio de Planos de Gestão de Dados como um dos elementos mais frágeis na implementação da Ciência Aberta, especialmente em contextos marcados pela ausência de políticas institucionais consolidadas, de apoio técnico e de exigências

formais vinculadas às agências de fomento (Tenopir et al. 2011; Caregnato et al. 2019; Ribeiro et al. 2022).

Estudos realizados em universidades brasileiras indicam que, embora os pesquisadores reconheçam a importância da gestão de dados de pesquisa, a elaboração do Plano de Gestão de Dados ainda é pouco incorporada às rotinas científicas, sendo frequentemente associada a exigências externas de financiadores, instituições ou periódicos, e não a uma prática integrada ao ciclo de vida da pesquisa (Lima 2020; Rodrigues et al. 2019). Ademais, a literatura aponta que a baixa adoção de planos formais de gestão de dados está relacionada à ausência de capacitação específica e de apoio institucional estruturado, frequentemente atribuídos às bibliotecas universitárias e a outros atores da comunicação científica, o que limita a consolidação dessas práticas no contexto das universidades públicas brasileiras (Ribeiro et al. 2022; Rodrigues et al. 2019).

Assim, os resultados deste estudo corroboram com a literatura ao evidenciar que a gestão sistemática dos dados de pesquisa ainda se encontra em estágio incipiente, revelando um descompasso entre o reconhecimento discursivo da importância da Ciência Aberta e a efetiva incorporação de instrumentos operacionais, como o Plano de Gestão de Dados, na rotina prática científica.

A familiaridade dos respondentes com repositórios de dados abertos de suas instituições é limitada. Dezesesseis participantes declararam desconhecimento completo, enquanto 8 possuem conhecimento moderado e apenas 12 demonstraram alta familiaridade. Esses dados indicam uma necessidade evidente de maior divulgação e capacitação sobre o uso e benefícios desses repositórios, para que os pesquisadores possam utilizá-los de maneira mais eficaz.

Esse resultado explicita que, mesmo entre pesquisadores que demonstram conhecimento conceitual sobre dados abertos, o uso efetivo e a compreensão das infraestruturas institucionais de suporte permanecem restritos. Tal dado converge com estudos que evidenciam uma dissociação recorrente entre atitudes favoráveis ao compartilhamento de dados e a adoção prática de repositórios institucionais ou temáticos, frequentemente percebidos como complexos, pouco integrados ao fluxo cotidiano da pesquisa ou insuficientemente divulgados, o que limita sua

incorporação como parte das práticas reais de pesquisa (Tenopir et al. 2011). A baixa familiaridade dos pesquisadores com repositórios institucionais de dados está associada à ausência de políticas institucionais consolidadas, à escassez de ações formativas e à limitada integração entre essas infraestruturas, os pesquisadores e os fluxos editoriais e de pesquisa (Caregnato et al. 2019; Rodrigues et al. 2019).

Evidências empíricas mostram que, em muitas instituições, inexistem orientações sistemáticas ou pessoal especializado para apoiar o depósito e a curadoria de dados, o que contribui para a marginalização dos repositórios na rotina da pesquisa científica. Lima (2020) reforça que, mesmo quando essas infraestruturas estão disponíveis, muitos pesquisadores desconhecem seus benefícios em termos de preservação, visibilidade e reutilização dos dados. Ademais, Ribeiro et al. (2022) destacam o papel estratégico das bibliotecas universitárias na mediação entre pesquisadores e repositórios, apontando que a fragilidade dessa atuação, frequentemente condicionada à falta de apoio institucional contribui para a subutilização dessas plataformas. Assim, os resultados deste estudo indicam que a ampliação do uso de repositórios de dados não depende apenas de sua existência técnica, mas sobretudo de ações articuladas de divulgação, capacitação e apoio institucional capazes de integrar essas infraestruturas às práticas reais de pesquisa.

Em relação ao acesso a dados de pesquisa já publicados, a maioria dos pesquisadores vê isso como muito útil para suas próprias pesquisas, reforçando a percepção de que o acesso a dados de pesquisa publicados contribui para a otimização de processos investigativos e para o avanço das pesquisas. Quase ninguém acredita que isso não ajuda, reforçando a ideia de que o compartilhamento de dados facilita e melhora a condução de pesquisas. A disposição para permitir que outros acessem seus dados de pesquisa é alta entre os respondentes, com 30 participantes totalmente dispostos a compartilhar seus dados. Apenas um número muito pequeno mostrou resistência, sugerindo uma atitude predominantemente positiva em relação à abertura dos dados de pesquisa.

Apesar da disposição geral para o compartilhamento de dados, alguns pesquisadores ainda têm preocupações. Especificamente, 17 respondentes indicaram não ter medo significativo de

compartilhar suas descobertas, enquanto 9 relataram um medo moderado, e 8 expressaram um nível elevado de preocupação. Esses números demonstram um equilíbrio entre confiança e cautela, com a maioria mostrando-se confiante, mas uma parcela ainda receosa quanto à possível perda de reconhecimento.

Esse padrão é recorrente na literatura, que identifica o temor de perda de reconhecimento acadêmico, a possibilidade de uso indevido dos dados e a ausência de mecanismos transparentes de atribuição e citação como fatores centrais de resistência ao compartilhamento de dados de pesquisa (Tenopir et al. 2011; Thoegersen and Borlund 2022). Estudos realizados em contextos europeu e latino-americano demonstram que, mesmo entre pesquisadores favoráveis à Ciência Aberta, o compartilhamento de dados tende a ser condicionado à existência de garantias institucionais relativas à autoria, à citação adequada e à proteção de dados sensíveis (Pardo-Martínez and Poveda 2018; Veiga 2018).

Essas preocupações são intensificadas pela fragilidade das políticas institucionais de dados e pela limitada valorização acadêmica do compartilhamento e do reuso de dados, o que reforça a percepção de risco individual associada à abertura dos dados (Caregnato et al. 2019; Rodrigues et al. 2019). Assim, os dados levantados neste estudo alinham-se à literatura ao indicar que a consolidação do compartilhamento de dados de pesquisa depende menos da disposição individual dos pesquisadores e mais da construção de ambientes institucionais seguros, com políticas, infraestruturas e critérios de reconhecimento capazes de mitigar os receios associados à perda de autoria e visibilidade científica.

No que se refere ao suporte institucional, 20 respondentes afirmaram que suas instituições não oferecem recursos adequados para financiar o gerenciamento ou arquivamento de dados de pesquisa. Sete participantes relataram receber algum apoio significativo, enquanto 14 indicaram um nível moderado de suporte. Esses dados sugerem que o financiamento para essas atividades é limitado em muitas instituições, com a maioria dos pesquisadores percebendo a ausência de um apoio institucional mais sólido. Assim como na literatura, o estudo aponta a falta de recursos financeiros e de infraestrutura institucional como um dos principais entraves à consolidação de

práticas de gestão e compartilhamento de dados de pesquisa (Tenopir et al. 2011; Caregnato et al. 2019).

Na ausência de políticas institucionais específicas e de financiamento dedicado, a responsabilidade pela gestão dos dados tende a recair individualmente sobre os pesquisadores, o que dificulta a adoção sistemática de planos de gestão e o depósito em repositórios de dados (Lima 2020; Rodrigues et al. 2019). Mesmo em contextos internacionais, pesquisas demonstram que o apoio institucional, expresso em financiamento, equipes especializadas e serviços de suporte é determinante para transformar atitudes favoráveis à Ciência Aberta em práticas efetivas de compartilhamento de dados (Thoegersen and Borlund 2022; Rosenbloom 2025). Assim, os resultados deste estudo reforçam que a fragilidade do suporte institucional compromete a operacionalização do compartilhamento de dados, indicando que a consolidação da Ciência Aberta depende não apenas da disposição individual dos pesquisadores, mas do engajamento institucional concreto, materializado em políticas, financiamento e estruturas de apoio sustentáveis.

Quanto à intenção de compartilhar dados, a maioria dos respondentes demonstrou forte inclinação favorável, com predominância de respostas concentradas no nível máximo de disposição, 26 participantes. Apenas um grupo residual indicou baixa ou nenhuma intenção, reafirmando a tendência geral positiva em relação ao compartilhamento de dados já amplamente identificada na literatura nacional e internacional, que aponta elevada aceitação normativa e discursiva dessas práticas entre pesquisadores (Tenopir et al. 2011; Pardo-Martínez and Poveda 2018). No entanto, estudos também evidenciam que a intenção declarada nem sempre se converte em prática efetiva, especialmente em contextos nos quais inexitem políticas institucionais formalizadas, incentivos e infraestruturas adequadas para apoiar o depósito, a curadoria e o reuso dos dados de pesquisa (Caregnato et al. 2019; Thoegersen and Borlund 2022). Assim, embora os resultados deste estudo exponham uma postura majoritariamente positiva quanto à intenção de compartilhar dados, eles reforçam a necessidade de mecanismos institucionais capazes de promover a transição da intenção para a prática, de modo a consolidar o compartilhamento de dados como parte integrante do cotidiano da pesquisa científica.

Por fim, ao analisar a prática de compartilhamento direto de dados com outras pessoas, observa-se que a maioria dos respondentes têm um comportamento moderado, com 17 indicando um nível de compartilhamento intermediário. No entanto, um número considerável de participantes não compartilhou seus dados, enquanto outros mostraram um alto grau de envolvimento. Esses resultados indicam que, embora exista um grupo ativo no compartilhamento, muitos ainda adotam uma postura mais cautelosa ou limitada.

A forte representação de pesquisadores vinculados a universidades federais, especialmente na região Sudeste do Brasil, reflete o alcance do estudo em instituições públicas de ensino superior e pode indicar que o ambiente institucional, incluindo a existência de políticas, infraestruturas e iniciativas episódicas de Ciência Aberta, desempenha um papel relevante na forma como os pesquisadores percebem o acesso aberto. A presença (ou ausência) de orientações, serviços e políticas institucionais influencia diretamente as percepções e práticas relacionadas ao compartilhamento de dados de pesquisa (Rodrigues et al. 2019; Caregnato et al. 2019). Ademais, a literatura aponta que características demográficas e acadêmicas, como maior experiência profissional ou atuação em áreas com preocupações éticas mais sensíveis, tendem a estar associadas a posturas mais cautelosas quanto ao compartilhamento de dados, não por rejeição à Ciência Aberta, mas pela avaliação de riscos éticos, legais e reputacionais envolvidos (Tenopir et al. 2011). Por outro lado, pesquisadores inseridos em instituições que dispõem de políticas ou iniciativas estruturadas de ciência aberta tendem a expressar percepções mais favoráveis ao acesso aberto, reforçando a importância do contexto institucional na conformação dessas atitudes.

Baseando-se nos dados analisados, a principal barreira encontrada entre os pesquisadores é o medo do uso indevido de dados de pesquisa. Essa preocupação supera outros medos, como a perda de ineditismo ou questões relacionadas à competição acadêmica, sugerindo que, embora exista uma disposição para compartilhar dados, as preocupações com a segurança e o uso não autorizado são desafios enfrentados pelos pesquisadores ao considerar a disponibilização de seus dados em acesso aberto. Para superar essas barreiras, é essencial que as instituições desenvolvam políticas de proteção de dados e ofereçam incentivos ao compartilhamento. Além disso, a oferta de treinamentos regulares em gestão de dados e práticas de citação pode ajudar a dissolver essas preocupações. Investir em repositórios seguros e fornecer suporte técnico contínuo

são passos fundamentais para garantir que os pesquisadores possam compartilhar seus dados com confiança e segurança. Promover uma cultura de ciência aberta, destacando os benefícios do compartilhamento de dados e reconhecendo formalmente essas práticas como parte do mérito acadêmico, também é uma boa ação. Implementar acordos de licenciamento e revisar constantemente as práticas de compartilhamento para garantir conformidade legal são medidas necessárias para proteger os interesses dos pesquisadores. Essas ações, combinadas com o incentivo a estudos sobre o impacto do compartilhamento de dados, podem criar um ambiente mais seguro e incentivador para a ciência aberta e para os dados abertos de pesquisa.

5 Discussão dos dados e implicações práticas

De forma geral, o estudo confirma tendências já identificadas em estudos nacionais e internacionais, como os de Tenopir et al. (2011), que apontam uma postura favorável ao compartilhamento de dados por parte dos pesquisadores, mas também, com preocupações com uso indevido, perda de reconhecimento e ausência de políticas institucionais eficazes.

Os dados também se alinham aos estudos de Caregnato et al. (2019) e Ribeiro et al. (2022), que destacam limitações no conhecimento sobre repositórios e a baixa adesão a práticas formais de gestão de dados no Brasil. A predominância de participantes das Ciências Sociais Aplicadas e da Saúde pode ter reforçado a cautela frente à exposição de dados sensíveis, conforme discutido por Sayão e Sales (2015). Além disso, o alto grau de disposição declarada para compartilhar dados pode estar associado ao perfil institucional dos respondentes, majoritariamente ligados a universidades públicas que já debatem a Ciência Aberta.

É importante considerar que o método de amostragem "bola de neve" pode ter favorecido a inclusão de participantes mais engajados com o tema, o que limita a generalização dos dados. Ainda assim, os resultados oferecem um panorama inicial relevante sobre as percepções de pesquisadores em relação aos dados abertos no Brasil, evidenciando tanto avanços quanto desafios para a consolidação dessas práticas.

6 Considerações finais

A pesquisa atingiu o objetivo de analisar a percepção de pós-graduandos, mestres e doutores sobre a disponibilização de dados de pesquisa em acesso aberto. O estudo mapeou as atitudes dos pesquisadores, revelando uma disposição significativa para o compartilhamento de dados, mas também destacando preocupações importantes, como o uso indevido dos dados e a perda de ineditismo. Além disso, a investigação identificou barreiras institucionais e culturais que ainda precisam ser superadas para que o compartilhamento em acesso aberto se torne uma prática amplamente aceita e implementada.

Os dados coletados respondem de forma satisfatória à pergunta central da pesquisa: "Quais são as principais barreiras percebidas por pesquisadores para o compartilhamento de dados de pesquisa em acesso aberto?" As percepções dos pesquisadores, capturadas pelo estudo, revelam tanto a disposição para o compartilhamento quanto as barreiras que dificultam essa prática, oferecendo uma compreensão detalhada das dinâmicas envolvidas.

Apesar de uma inclinação significativa para compartilhar dados, as preocupações persistentes, especialmente no que diz respeito à segurança e ao uso indevido, ainda representam desafios importantes. Mesmo com o fortalecimento das políticas institucionais em prol da ciência aberta, esses desafios precisam ser abordados para que o compartilhamento de dados se torne uma prática comum e confiável.

No âmbito da Ciência da Informação, a temática dos dados abertos de pesquisa relaciona-se diretamente às discussões sobre a comunicação científica, a gestão do ciclo de vida dos dados e as condições institucionais para o compartilhamento da informação científica. À luz da Ciência Aberta, os resultados deste estudo evidenciam que, embora haja familiaridade conceitual e disposição declarada para o compartilhamento de dados, persistem barreiras associadas à infraestrutura, à segurança da informação, à propriedade intelectual e à ausência de políticas institucionais consolidadas. Esses achados reforçam o papel estratégico da Ciência da Informação na mediação entre pesquisadores, repositórios e políticas institucionais, especialmente no que se refere à elaboração de diretrizes para gestão e abertura de dados, ao fortalecimento da alfabetização em dados e à atuação das bibliotecas universitárias como espaços de apoio técnico e formativo.

Assim, o estudo contribui para a compreensão de como princípios da Ciência Aberta vêm sendo apropriados no contexto acadêmico brasileiro, indicando caminhos para a consolidação de práticas mais consistentes e sustentáveis de compartilhamento de dados de pesquisa.

Uma limitação do estudo é a predominância de pesquisadores de instituições públicas na região Sudeste do Brasil entre os respondentes, o que pode introduzir um viés geográfico e institucional. Esse viés limita a generalização dos resultados para outras regiões e tipos de instituições, como as privadas. Além disso, a natureza autodeclaratória das respostas pode ter introduzido vieses, com participantes mais favoráveis à ciência aberta possivelmente mais propensos a participar da pesquisa.

Para futuras pesquisas, seria essencial ampliar a amostra para incluir uma representação mais diversificada de instituições e regiões, além de explorar mais profundamente os motivos que levam os pesquisadores a hesitar em compartilhar dados. Também seria valioso investigar como as políticas institucionais podem ser ajustadas para mitigar esses receios. Ao contrastar as práticas reais de compartilhamento de dados com as intenções declaradas, futuras pesquisas poderiam fornecer uma visão mais precisa da adoção da ciência aberta.

Do ponto de vista prático, os resultados do estudo oferecem subsídios relevantes para o aprimoramento de políticas institucionais de dados de pesquisa, indicando a necessidade de diretrizes mais eficientes sobre compartilhamento, proteção e citação de dados em acesso aberto. As percepções identificadas reforçam o papel estratégico dos repositórios institucionais de dados como infraestruturas essenciais para garantir a preservação, a visibilidade e o uso responsável dos dados científicos, bem como a importância de sua maior divulgação junto à comunidade acadêmica. Ademais, evidencia-se a necessidade de ações contínuas de capacitação voltadas a pesquisadores em diferentes estágios de formação, com ênfase em gestão de dados, elaboração de planos de gestão e boas práticas de compartilhamento. Nesse contexto, as bibliotecas universitárias destacam-se como agentes centrais na implementação dessas ações, atuando na mediação entre políticas institucionais, infraestruturas de informação e práticas de pesquisa, contribuindo para o fortalecimento da cultura da Ciência Aberta nas instituições de ensino e pesquisa.

Referências

- Borgman, Christine L. *Big data, little data, no data: scholarship in the networked world*. The MIT Press, 2015.
- Boulton, Geoffrey, et al. *Open data in a big data world: an international accord*. ICSU-IAP-ISSC-TWAS, 2015. <http://www.science-international.org>. Acessado 28 abr. 2025.
- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. “Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais”. *Diário Oficial da União*, seção 1, 2016. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acessado 28 abr. 2025.
- Caregnato, Sônia Elisa, Anderson de Santana Felix, and Adilson Luiz Pinto. “Práticas e Percepções dos Pesquisadores Brasileiros sobre Serviços de Acesso Aberto a Dados de Pesquisa”. *Liinc em Revista*, vol. 15, no. 2, 2019. <https://doi.org/10.18617/liinc.v15i2.4771>. Acessado 28 abr. 2025.
- Dias, Carolina Guimarães de Souza. “Políticas editoriais de compartilhamento de dados em periódicos brasileiros de ciências sociais aplicadas na coleção SciELO”. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, vol. 29, 2024. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/95038>. Acessado 28 abr. 2025.
- Dudziak, Elisabeth. *Dados de pesquisa agora devem ser armazenados e citados*. ABCD USP, 2016. <http://www.sibi.usp.br/?p=6189>. Acessado 28 abr. 2025.
- Gabriel Júnior, Rene Faustino, et al. “Acesso aberto a dados de pesquisa no Brasil: mapeamento de repositórios, práticas e percepções dos pesquisadores e tecnologias”. *Ciência da Informação*, vol. 48, no. 3, 2019, pp.87-101.
- Lima, Ana Carolina. *Gestão de dados de pesquisa no contexto da ciência aberta: Percepção dos pesquisadores da Universidade Federal do Ceará*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal do Ceará, 2020.
- Monteiro, Gabriela, and Elaine Rosangela de Oliveira Lucas. “Dados científicos abertos: identificando o papel das políticas de gestão e das agências de fomento”. *AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento*, vol. 8, no. 1, 2019. <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/67253>. Acessado 28 abr. 2025.
- Neylon, Cameron, and Shirley Wu. “Open Science: tools, approaches, and implications”. *Pacific Symposium on Biocomputing*, vol. 14, 2009, pp. 540-544. <https://psb.stanford.edu/psb-online/proceedings/psb09/workshop-opensci.pdf>. Acessado 28 abr. 2025.
- OECD. Organization For Economic Co-Operation and Development. *Principles and guidelines for access to research data from public funding*. OECD, 2007. <http://www.oecd.org/sti/inno/38500813.pdf>. Acessado 28 abr. 2025.

- Pardo-Martínez, Clara Inés, and Alexander Cotte Poveda. “Knowledge and perceptions of Open Science among researchers: a case study for Colombia.” *Information*, vol. 9, no. 11, 2018, pp. 292, <https://doi.org/10.3390/info9110292>. Acessado 28 abr. 2025.
- Pontika, Nancy, et al. “Fostering open science to research using a taxonomy and an eLearning portal.” *i-KNOW '15: Proceedings of the 15th International Conference on Knowledge Technologies and Data-driven Business*, Association for Computing Machinery, 2015, <https://doi.org/10.1145/2809563.2809571>. Acessado 28 abr. 2025.
- Ribeiro, Nivaldo Calixto, et al. “Importância das práticas de Ciência Aberta e de comunicação científica na perspectiva de atores envolvidos.” *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 20, 2022. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v20i00.8670366>. Acessado 28 abr. 2025.
- Rodrigues, Kátia de Oliveira, et al. “Percepção de Pesquisadores de Instituições Públicas Acerca da Ciência Aberta.” *Ciência da Informação*, vol. 48, no. 3, 2019, pp. 266–275. <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v48i3.4959>. Acessado 28 abr. 2025.
- Rosenbloom, Joshua L. “Sharing research data: researcher behaviour and attitudes.” *Science and Public Policy*, scaf041, 2025, <https://doi.org/10.1093/scipol/scaf041>.
- Sayão, Luis Fernando, and Luana Farias Sales. “Afinal, o que é dado de pesquisa?” *Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 34, no. 2, 2020. <https://doi.org/10.14295/biblos.v34i2.11875>. Acessado 28 abr. 2025.
- Sayão, Luis Fernando, and Luana Farias Sales. *Guia de gestão de dados de pesquisa para bibliotecários e pesquisadores*. CNEN/IEN, 2015. <http://carpedien.ien.gov.br/handle/ien/1624>. Acessado 28 abr. 2025.
- Silva, Fabiano Couto Côrrea da. “Gestão de dados científicos para periódicos.” *Gestão Editorial de Periódicos Científicos: tendências e boas práticas*, editado por Lúcia da Silveira and Fabiano Couto Côrrea da Silva, BU Publicações, Edições do Bosque, 2020. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/208691>. Acessado 28 abr. 2025.
- Silva, Fabiano Couto Côrrea da. *Gestión de datos oceanográficos: propuesta de un modelo para Brasil*. Tese de Doutorado, Faculdade de Biblioteconomia e Documentação, Universidade de Barcelona, 2017. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=251935>. Acessado 28 abr. 2025.
- Silveira, Lúcia da, et al. “Taxonomia da Ciência Aberta: revisada e ampliada”. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, vol. 28, 2023, e91712. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e91712>. Acessado 28 abr. 2025.
- Silveira, Lúcia da, et al. “Ciência Aberta na Perspectiva de Especialistas Brasileiros: Proposta de Taxonomia.” *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 26, 2021, e79646. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.e79646>. Acessado 28 abr. 2025.
- Suber, Peter. *Open access*. MIT Press, 2012.

- Tenopir, Carol, et al. "Data sharing by scientists: practices and perceptions." *Plos One*, vol. 6, no. 6, 2011, e21101. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0021101>. Acessado 28 abr. 2025.
- Thoegersen, Jennifer L., and Pia Borlund. "Researcher attitudes toward data sharing in public data repositories: a meta-evaluation of studies on researcher data sharing." *Journal of Documentation*, vol. 78, no. 7, 2022, pp. 1–17. <https://doi.org/10.1108/JD-01-2021-0015>. Acessado 28 abr. 2025.
- Unesco. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Guidelines for a data management plan*. UNESCO, 2016. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000256544>. Acessado 28 abr. 2025.
- Veiga, Viviane Santos de Oliveira. *A percepção dos pesquisadores portugueses e brasileiros da área de neurociências quanto ao compartilhamento de artigos científicos e dados de pesquisa no acesso aberto verde: custos, benefícios e fatores contextuais*. Tese de Doutorado, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, 2018. <https://arca.fiocruz.br/handle/icict/26842>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Dados da pesquisa

Dados do artigo " Disponibilização de Dados de Pesquisa em Acesso Aberto: percepções de uma amostra de pós-graduandos brasileiros ". <https://zenodo.org/records/18777977>.

Apêndice

FORMULÁRIO DE PESQUISA						
Termo de consentimento						
1	Diante do exposto, você consente a coleta de dados conforme a declaração de finalidade aqui expressa?	Antes de iniciar o preenchimento, é preciso que você concorde com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). <i>(Resposta obrigatória)</i>				
Perfil dos respondentes						
2	Gênero	☐ Feminino ☐ Masculino ☐ Outros				
3	Formação	☐ Mestrado ☐ Doutorado ☐ Outros				
4	Idade	☐ Até 30 ☐ entre 31 e 40 ☐ Entre 41 e 50 ☐ Acima de 50.				
5	Área de sua pesquisa, conforme CNPq:					
6	Vínculo institucional (Universidade ou instituição de pesquisa – escrever por extenso)					
Conhecimento, práticas e percepções sobre dados abertos de pesquisa						
As questões de 7 a 20 foram respondidas por meio de escala do tipo Likert de cinco pontos, na qual: 1 = Discordo totalmente 2 = Discordo parcialmente 3 = Nem discordo nem concordo 4 = Concordo parcialmente 5 = Concordo totalmente						
7	Sei o que são dados abertos de pesquisa.	1	2	3	4	5
8	Conheço o repositório de dados abertos de pesquisa da minha instituição.	1	2	3	4	5
9	Tenho um Plano de Gestão de Dados de minha pesquisa.	1	2	3	4	5
10	O acesso a dados de pesquisa publicados pode beneficiar a minha própria pesquisa.	1	2	3	4	5
11	Estou disposto(a) a permitir que outros acessem meus dados de pesquisa.	1	2	3	4	5
12	Disponibilizar os dados da minha pesquisa provoca medo em função da competição acadêmica.	1	2	3	4	5
13	Acredito que não há padrões objetivos para citar dados abertos publicados.	1	2	3	4	5
14	Acredito que há padrões objetivos para citar dados publicados.	1	2	3	4	5
15	A minha instituição fornece recursos para financiar os custos de gerenciamento ou arquivamento de dados de pesquisa.	1	2	3	4	5
16	Tenho intenção de compartilhar dados da minha pesquisa.	1	2	3	4	5

17	Vejo a disponibilização dos dados da minha pesquisa como desvantajosa para minha carreira.	1	2	3	4	5
18	Tenho medo do uso indevido dos dados da minha pesquisa.	1	2	3	4	5
19	Tenho medo de perder o valor de ineditismo ao disponibilizar os dados da minha pesquisa.	1	2	3	4	5
20	Compartilhei diretamente com outras pessoas os dados de pesquisa que criei como parte dos meus últimos projetos de pesquisa.	1	2	3	4	5

Copyright: © 2026 RIBEIRO, Nivaldo Calixto; BORGES, Eduardo César; FERNANDES, Fabrício Oliveira; This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Received: 24/04/2025

Accepted: 10/03/2026